

ARTIGO

JORNALISMO INVESTIGATIVO: A INFLUÊNCIA DAS REDES NA PRODUÇÃO DE FAKE NEWS

Adriana Polloni

Clóvis Furlanetto

Pedro Gilberto Arnaut

Reginaldo Rocha Quadro

Sérgio da Rocha Paris

RESUMO

Este trabalho trata do tema “Jornalismo Investigativo: A influência das redes sociais na produção de Fake News” e tenta entender como as redes sociais mudaram a forma das pessoas consumirem notícias e o impacto disso no jornalismo investigativo. A pesquisa surgiu da dúvida sobre como as redes sociais ajudam a espalhar notícias falsas e como isso atrapalha o trabalho dos jornalistas que fazem investigação. O objetivo principal é analisar os efeitos dessas mudanças na rotina dos jornalistas, principalmente na hora de conferir as informações e manter a confiança das pessoas nas notícias. Além disso, o estudo quer mostrar como as *fakes news* se espalham pelas redes, quais dificuldades os jornalistas enfrentam para combater isso e que soluções podem ajudar a diminuir o problema.

Palavras-chave: *Fake news*; Redes sociais; Jornalismo.

ABSTRACT

This paper, titled "Investigative Journalism: The Influence of Social Media on the Production of Fake News," seeks to understand how social media has changed the way people consume news and its impact on investigative journalism. The research arose from the question of how social media helps spread fake news and how this hinders the work of investigative journalists. The main objective is to analyze the effects of these changes on journalists' routines, particularly when it comes to verifying information and maintaining

public trust in the news. Furthermore, the study aims to demonstrate how fake news spreads through social media, the challenges journalists face in combating it, and what solutions can help mitigate the problem.

Keywords: Fake news; social media; Journalism.

INTRODUÇÃO

Com o crescimento das redes sociais e o fácil acesso à informação, a forma como as pessoas consomem notícias mudou radicalmente. Ao mesmo tempo em que essas plataformas facilitam a comunicação, elas também abriram espaço para a disseminação de conteúdos falsos, o que representa um grande desafio para o jornalismo, especialmente o investigativo.

A velocidade com que as notícias se espalham e a falta de filtros confiáveis contribuem para um cenário de desinformação que pode confundir o público e prejudicar o trabalho jornalístico sério.

O artigo busca entender como as redes sociais têm sido usadas como meio para espalhar notícias falsas e como isso interfere na atuação do jornalismo investigativo. O objetivo é analisar esse fenômeno e refletir sobre os principais impactos e possíveis soluções para enfrentá-lo.

DESENVOLVIMENTO

Com o crescimento das redes sociais, a forma como as pessoas acessam notícias mudou bastante. Antes, as informações chegavam principalmente por meios tradicionais, como jornais e televisão, que tinham um processo maior de verificação. Atualmente, qualquer usuário pode publicar e compartilhar conteúdos rapidamente. Essa facilidade traz vantagens, como o acesso mais democrático à informação, mas também gera um problema sério: a desinformação. As *fake news* se espalham com rapidez e podem confundir o público, além de dificultar o trabalho dos jornalistas investigativos.

As *fake news* podem aparecer em vários formatos, como textos, imagens, vídeos ou áudios, e muitas vezes são compartilhados sem que haja uma checagem adequada. Essa situação torna difícil distinguir o que é verdadeiro e contribui para a desconfiança em relação às informações disponíveis.

Polianna Ferrari (2017) afirma que o jornalismo precisou se adaptar rapidamente às mudanças trazidas pelo ambiente digital. A forma de produzir conteúdo ficou mais dinâmica, mas também mais vulnerável a erros, boatos e informações imprecisas. A autora comenta que, no meio dessa transformação, o papel do jornalista passou a incluir não só informar, mas também explicar e contextualizar, pois o público está cercado por muitos dados, mas nem sempre sabe interpretá-los. Isso mostra que o jornalismo investigativo tem hoje uma responsabilidade ainda maior diante da confusão causada pela desinformação.

Embora a desinformação não seja algo novo, o alcance e a velocidade das redes sociais ampliam o seu impacto. Entre os tipos mais comuns de *fake news* estão notícias completamente falsas, informações distorcidas e conteúdos que misturam fatos verdadeiros com dados incorretos. Além disso, existem notícias criadas para gerar medo, manipular opiniões ou simplesmente obter lucro por meio de acessos e compartilhamentos.

Diversos fatores favorecem a propagação das *fake news*. Um deles é a falta de educação midiática, que leva muitas pessoas a compartilharem conteúdos sem confirmar sua veracidade. Outro ponto importante é o funcionamento dos algoritmos das redes sociais, que privilegiam conteúdos que geram mais engajamento, independentemente da veracidade, criando bolhas informativas e reforçando crenças existentes.

A desinformação traz consequências negativas para toda a sociedade, não apenas para o jornalismo. Isso tem impactado principalmente em empresas jornalísticas, que outrora gozavam de prestígio e credibilidade e hoje, precisam provar diariamente que suas fontes são de extrema confiança.

A falta de confiança nas informações dificulta a formação de opiniões conscientes e o debate público. O que temos visto são discussões acaloradas que, em alguns casos,

tem levado os participantes até a agressões físicas. Por isso, entender esse problema é fundamental para buscar soluções que promovam um ambiente informativo mais seguro e confiável. Assim, podemos levar ao campo das ideias as soluções para a construção de uma sociedade que possa compartilhar informações que gerem a credibilidade para haver o respeito, mesmo com divergências de opiniões.

Nos últimos anos, as redes sociais se tornaram o principal meio de comunicação e informação de grande parte da sociedade. Ferramentas como Facebook, Instagram, WhatsApp, Twitter (atualmente chamado de X) e TikTok são utilizadas diariamente não apenas para interações pessoais, mas também como fontes de notícias e debates sobre temas sociais, políticos e econômicos.

A popularização dessas plataformas transformou o modo como as pessoas consomem informação, já que o fluxo é rápido, instantâneo e acessível a qualquer usuário com conexão à internet. Porém, ao mesmo tempo em que oferecem benefícios relacionados à democratização do acesso e à liberdade de expressão, as redes sociais também abriram espaço para a propagação em larga escala das chamadas *fake news*. Esse tipo de conteúdo enganoso e distorcido representa um dos maiores desafios contemporâneos, porque circula com enorme velocidade, é difícil de controlar e pode gerar impactos profundos na opinião pública e até mesmo em políticas de governo.

Para além do comportamento individual, a circulação de *fake news* muitas vezes faz parte de estratégias intencionais. Não se trata apenas de usuários desavisados que compartilham sem checar, mas também de grupos organizados que utilizam recursos digitais de forma planejada para manipular a opinião pública. O uso de perfis falsos e de robôs automáticos (bots) ajuda a dar a impressão de que determinadas ideias têm grande apoio popular. Esse tipo de prática é comum em períodos eleitorais, quando notícias falsas são utilizadas para prejudicar candidatos adversários, e também em campanhas de marketing e disputas econômicas. Nesse sentido, as redes sociais acabam se tornando ferramentas poderosas de manipulação em larga escala.

Apenas por meio de uma abordagem integrada, que combine responsabilidade das plataformas, regulação adequada e formação crítica dos cidadãos, será possível enfrentar de forma eficaz os danos causados pelas *fake news* na sociedade contemporânea. Mas de nada adianta ter posse de ferramentas para este combate, se não houver a consciência coletiva que, independente do lado que esteja, se não houver a colaboração de todos, todo o esforço para acabar com as notícias falsas será em vão. Por isso a responsabilidade individual é a chave para o sucesso.

O jornalismo investigativo desempenha um papel central na sociedade contemporânea, sendo responsável por investigar fatos ocultos, fiscalizar o poder público e privado e apresentar à população informações que demandam apuração detalhada e criteriosa. Se anos atrás esse papel era reconhecidamente primordial, hoje com a tecnologia ao alcance de todos tornou-se extremamente desafiador.

Com a digitalização da informação e o crescimento das redes sociais, esse tipo de jornalismo enfrenta desafios inéditos. As notícias falsas se propagam rapidamente, em grande escala, e muitas vezes competem diretamente com o trabalho de investigação, ameaçando a credibilidade da imprensa e a própria percepção pública sobre a realidade.

Além disso, essas notícias manipuladas podem influenciar debates públicos e decisões políticas, criando distorções que afetam o funcionamento democrático da sociedade. Em muitos casos, a propagação de informações falsas gera confusão sobre temas complexos, como economia, saúde e política, obrigando os jornalistas a se tornarem não apenas informadores, mas também educadores críticos para o público.

Segundo Lévy (2015, p.44), “a internet criou um espaço onde qualquer pessoa pode ser produtora de conteúdo, mas nem sempre esse conteúdo é confiável ou baseado em fatos verificáveis”. Esse ambiente expõe o jornalismo investigativo a um cenário ainda mais complexo: além de apurar a verdade, os jornalistas precisam lidar com a necessidade de desmentir informações falsas que já foram absorvidas por grande parte do público.

As *fake news* também afetam a percepção do próprio trabalho jornalístico. Quando a população passa a considerar todas as informações com a mesma credibilidade, mesmo reportagens rigorosas podem ser vistas como manipuladoras ou tendenciosas. POSSETTI (2020, p.78) reforça que “o jornalista passa a ser visto não só como aquele que traz a notícia, mas também como mediador que precisa corrigir erros informativos já enraizados na sociedade”. Essa sobreposição de funções – informar e desmentir – exige habilidades adicionais, como domínio de mídias digitais, técnicas de verificação rápida, comunicação estratégica e a capacidade de criar materiais que contextualizam o conteúdo investigativo sem comprometer a profundidade da apuração.

A proliferação das notícias falsas tornou-se um dos maiores desafios contemporâneos para sociedades democráticas, afetando desde o comportamento do público até o trabalho de instituições jornalísticas e governamentais.

Combater esse fenômeno exige uma abordagem integrada, que combine educação, tecnologia, regulação e fortalecimento das práticas jornalísticas. Cada estratégia apresenta vantagens específicas, mas somente a atuação conjunta de diferentes atores sociais – cidadãos, jornalistas, plataformas digitais e órgãos reguladores – permite reduzir de forma significativa a circulação de informações enganosas. A educação midiática é apontada como uma das ferramentas mais eficazes na prevenção da desinformação.

Mencarini (2020, p.45) argumenta que: “a educação midiática é uma das ferramentas mais poderosas contra a desinformação, pois capacita indivíduos a identificar, questionar e refletir sobre a veracidade das informações consumidas”.

Essa abordagem envolve não apenas o ensino em escolas e universidades, mas também a promoção de cursos, workshops e campanhas de conscientização que instruem a população a identificar fontes confiáveis, verificar dados e reconhecer sinais de manipulação.

O fortalecimento do jornalismo investigativo e do jornalismo de checagem de fatos também é uma estratégia central para enfrentar as notícias falsas. Profissionais qualificados, com acesso a registros públicos, bases de dados e ferramentas digitais,

conseguem verificar informações de forma sistemática, publicando conteúdos confiáveis que desmentem rumores e manipulações.

Comozzo (2018, p.67) ressalta que “a prática sistemática de checagem de fatos aumenta a confiança do público, pois fornece evidências claras sobre a veracidade das informações, combatendo rumores e manipulações”.

Parcerias entre veículos de mídia, institutos de pesquisa e organizações independentes têm potencializado essa abordagem, permitindo que investigações rigorosas alcancem maior alcance e impactem a opinião pública de forma mais significativa. O desenvolvimento de guias de boas práticas para jornalistas e o compartilhamento de metodologias de investigação colaborativa também contribuem para elevar a qualidade e a consistência das apurações.

CONCLUSÃO

O presente artigo permite observar que combater as notícias falsas é um desafio coletivo. Não cabe apenas às plataformas digitais, nem apenas ao Estado ou ao jornalismo, mas envolve toda a sociedade. O enfrentamento da desinformação passa pela formação de cidadãos críticos, capazes de refletir antes de compartilhar conteúdos, e pela valorização de veículos e profissionais comprometidos com a apuração responsável.

Assim, pode-se dizer que o estudo ajudou a reforçar a ideia de que não basta combater boatos específicos, mas sim criar uma cultura de consumo consciente de informações. Somente com o esforço conjunto entre sociedade, imprensa e instituições será possível reduzir os efeitos nocivos das *fake news* e fortalecer a democracia, garantindo que a informação de qualidade continue a ocupar seu lugar central na vida pública.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERRARI, Polianna. **Jornalismo digital**: cinco anos de transformações. São Paulo: Contexto, 2017.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2015.

MENCARINI, Pietro. **Educação midiática e combate à desinformação**. Lisboa: Edições Universitárias, 2020.

POSSETTI, Jo. **Understanding the Impact of Disinformation on Journalism**. Oxford: Reuters Institute, 2020.